

O LEGADO FREIREANO NO CONTEXTO DA DESPOLITIZAÇÃO

Bárbara de Oliveira Lima Rodrigues¹

Renata Lopes de Oliveira²

Tânia Serra Azul Machado Bezerra³

RESUMO

Paulo Freire é reconhecido internacionalmente pelo seu método de alfabetização e sua pedagogia voltada à humanização dos segmentos populares da sociedade, no entanto, o educador tem sido alvo de inúmeros ataques e críticas na atualidade. A partir dessa constatação, esse artigo tem como objetivos identificar quais as principais críticas direcionadas a Paulo Freire; compreender a conjuntura sócio-política na qual elas emergiram; e refletir sobre as razões subjacentes às investidas contrárias a educação popular defendida pelo autor. Para realizar essa análise nos debruçaremos sobre o crescimento da onda conservadora no Brasil a partir dos referenciais da despolitização, bem como a explicitação de princípios da educação freireana que vão de encontro ao modelo de escola e sociedade que busca ser hegemônico no contexto atual. Ao longo da análise identificamos que num contexto de despolitização, onde se busca negar a luta de classes e implementar reformas neoliberais e retirada de direitos sociais, uma educação nos moldes freireanos, que se embasa no diálogo, no reconhecimento do caráter político e transformador do fazer educativo, e objetiva a formação de consciências críticas e inserção sócio-política dos segmentos populares é compreendida como subversiva pelos grupos conservadores.

Palavras-Chaves: Educação; Paulo Freire; Despolitização; Politicidade.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que Paulo Freire despertou sentimentos reativos e gerou temor nas elites políticas e econômicas. O seu legado em Angicos, seu trabalho de militância e sua produção teórica o fez ser reconhecido como importante figura da educação brasileira e quase alcançar

¹ Graduada em Serviço Social pela Universidade Anhanguera - UNIDERP. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Bolsista do Programa de Iniciação a Docência – PIBID –CAPES. Contato: barbaraolr15@gmail.com.

² Doutoranda e mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Licenciada em História e graduanda em pedagogia. Contato: renatalopesh@gmail.com

³ Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará, Pós-doutora em Ciências da Educação pela Universidade do Porto, Doutora e Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Coordenadora de Área do PIBID/CED/UECE. Contato: tanciasamb@hotmail.com

a efetivação de seu método de alfabetização a nível nacional no governo de João Goulart. Naquele contexto, Freire esperançosamente vislumbrou um cenário propício ao alargamento de nossa experiência democrática e de uma educação libertadora que corroborasse com ela.

No quesito educacional, a implementação do seu método de alfabetização pretendia incluir milhões de brasileiros no mundo letrado e contribuir com o engajamento político da classe trabalhadora na luta por sua emancipação. Uma vez que para Freire alfabetizar implicava não apenas a leitura da palavra, mas a leitura da realidade, a formação da consciência crítica e a inserção na luta pelos direitos sociais.

A antítese a esse momento progressista e esperançoso na potencialidade dos movimentos populares foi a ditadura militar (1964-1985), período que se caracterizou pelo fortalecimento do poder executivo que passou a governar por meio de atos institucionais para impor leis não previstas, ou mesmo contrárias à constituição. Nesse cenário o educador Paulo Freire tornou-se preso político, em 1964, já que suas ideias de sociedade e educação não se encaixavam nos ideais autoritários e antidemocráticos daqueles responsáveis pelo golpe.

Na concepção freireana a educação era vista como prática de liberdade, espaço dialógico, mecanismo de “emersão do povo na vida pública nacional” (FREIRE, 1959, p.97), e devia contribuir com o desvelamento das situações de opressão e a superação das situações-limites através da inserção crítica e ação coletiva. De acordo com Torres (1987, p.32):

Questionar a educação tradicional, promover a conscientização e a libertação dos oprimidos, propugnar um novo tipo de educação dialógica, crítica, participativa, mostrar a eficácia de um método que, em 45 dias, se propunha conseguir que um analfabeto aprendesse a "dizer e escrever sua palavra", rompendo seu silêncio e sendo " dono de sua própria voz", valeu a Freire a prisão e o exílio quando do golpe de Estado no Brasil, em 1964. "Fui considerado- relata Freire- um 'subversivo intencional', um 'traidor de Cristo e do povo brasileiro'.

Diante do confronto entre os dois modelos educacionais, que são em última instância modelos de sociedade e cidadania, as ideias de Paulo Freire foram atacadas, seu trabalho teórico censurado e seu nome associado ao ideário socialista e comunista. Numa lógica mesquinha difundida da centralidade do poder à periferia do capitalismo no intuito de afastar a classe trabalhadora de uma possível organização revolucionária.

Na atualidade, mais de 30 anos após o fim da ditadura, observamos que Paulo Freire passou a ter novamente uma conotação pejorativa, o que ocorre concomitantemente à

ascensão de grupos conservadores e autoritários ao poder. Assim, de patrono da educação brasileira, conforme a lei nº 12.612 publicada em 2012, devido ao reconhecimento do seu legado como educador popular, alfabetizador, pesquisador e teórico da educação reconhecido internacionalmente, vemos a tentativa de construção da imagem de Freire como um inimigo da educação nacional, sob a alcunha de “comunista”, “ideólogo do partido dos trabalhadores”, “doutrinador da esquerda”, “manipulador”, “incitador da violência” e responsável por estragar a qualidade da educação pública brasileira.

Junto às críticas a Freire, ocorre à intimidação dos professores que se inspiram em sua prática pedagógica seja pela censura, pelo medo, ou, por vias legais, com a tentativa de implementação do anteprojeto de Lei 8180/2014, batizado de “Escola sem partido”. Movimento esse que ganhou expressividade a partir da ascensão de grupos conservadores ligados aos interesses neoliberais e ao fundamentalismo religioso que objetivam não apenas expurgar intelectuais como Paulo Freire, Karl Marx, Florestan Fernandes e Antônio Gramsc da educação, mas todas as pautas levantadas pela ideologia de esquerda. Na palestra intitulada ‘Escola democrática X Escola sem partido’, Cortella (2018), no apresenta a seguinte problematização:

Quem é o adversário da escola sem partido? São os que defendem a escola com partido? (...) Quem defende isso? Quem defende escola com partido é quem defende a escola sem partido. (...) Ao falar em escola sem partido, o que se diz é que não se deve ensinar isso, isso, é isso... Mas tem que ensinar isto. Que são os valores da família. Quais? Da religião. Quais? Das ciências. Quais? (...) Não existe um movimento escola com partido. O que existe é a convicção, de uma parte da sociedade, que não é tão diminuta, mas não é majoritária, que não deve haver um predomínio da ideologia de esquerda dentro do trabalho pedagógico. (Grifo nosso)

Considerando as questões apontadas acima buscamos analisar a conjuntura na qual emergiram as críticas a Paulo Freire sob a óptica da despolarização bem como a explicitação dos princípios da educação freireana que vão de encontro ao modelo de escola e sociedade que busca ser hegemônico no contexto atual.

O CONTEXTO DE DESPOLITIZAÇÃO E O ÓDIO A PAULO FREIRE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Analisando o contexto social do Brasil contemporâneo, vemos que o descontentamento com a política de conciliação de classes se expressou significativamente com as manifestações de junho, ou jornadas de junho de 2013. Protestos massivos que

iniciaram com a contestação do aumento na tarifa do transporte público nas principais capitais brasileiras, e desdobrou em críticas aos altos gastos públicas para sediar eventos esportivos internacionais, à péssima qualidade do serviço público, à corrupção, dentre outras pautas.

Era perceptível o aumento no interesse da população em torno das pautas políticas, contraditoriamente essa ânsia não trouxe como resultado um maior engajamento político em prol de sua classe, pelo contrário, a despolitização tornou-se bem presente no cenário político nos anos que sucederam. A despolitização é um “[...] processo que envolve uma alteração dos significados políticos da sociedade, que dentro de uma leitura marxista-gramsciana, corresponde a um distanciamento do reconhecimento de uma pessoa ou grupo do seu papel na sua realidade concreta.” (FERNANDES, 2019 p. 212).

A despolitização se manifesta de diversas formas, mas duas classificações são essenciais no entendimento conjuntural da atualidade brasileira: a pós-política e a ultrapolítica. Fernandes (2019) explica que esses conceitos podem coexistirem em um mesmo período, estarem fortemente interligados e se reforçando mutuamente.

Sabrina Fernandes (2019, p. 217) vê a pós-política como “um tipo de despolitização que age no campo do senso comum como uma forma de pós-ideologia, na qual assuntos relacionados a status político, social e econômico são efetivamente gerenciados.”. Acrescenta ainda:

Esse gerenciamento dá a impressão que não há luta ou disputa de projeto a ser feita. Isso quer dizer que a disputa influenciada diretamente por posições ideológicas é rejeitada; ou seja, o fazer da política torna-se subordinado a uma presumida imparcialidade atribuída à tecnocracia e aos especialistas esclarecidos. (FERNANDES, 2019 p. 217)

Assim, na ótica pós-política, a educação deve ser neutra, a escola deve estar livre de qualquer ideologia, mesmo que não seja possível, já que fortalecer o *status quo*, impedir se pensar sobre formas de se transformar a realidade material é também se posicionar ideologicamente. Nesse sentido, a teoria positivista e as tendências pedagógicas liberais (Tradicional, Renovada Progressivista, Renovada não Directiva e Tecnicista), são vistas como ideais e unicamente corretas no ambiente escolar. As tendências progressistas (Libertadora, Libertária, Histórico - Crítica), são vistas como doutrinadoras.

Nessa conjuntura, o crescimento do ódio a Freire é uma das expressões da ultrapolítica. Segundo Slavoj Žižek (1999 p. 241): “A ultrapolítica recorre ao modelo de guerra, a política é concebida como uma forma de guerra social”. Sabrina Fernandes (2019 p.

256) explica que “o conflito ultrapolítico é militarizado no sentido em que constrói a identidade de um ‘inimigo’ e o promove como o núcleo das relações sociais e políticas.” Acrescenta ainda que existem diferenças entre a ultrapolítica e o antagonismo inerente à luta de classes, uma vez que o cenário ultrapolítico:

[...] despolitiza as fontes do conflito e tende a empoderar aqueles que já se beneficiam do status quo, devido ao seu moralismo conservador e à vitimização de uma classe ou grupo de pessoas que não querem comprometer seu status dominante. Ao contrário do antagonismo de classes, a guerra ultrapolítica é travada contra um inimigo construído. (FERNANDES, 2019 p. 256)

A forma utilizada para aprofundar essa despolitização que hegemonicamente se apresentava pós-política e, aos poucos, foi-se agudizando como ultrapolítica (FERNANDES, 2019), teve como principal motivador e massificador a construção de um trabalho de base que ocorreu nos veículos televisivos, mas apresentou sua face mais cruel nas redes sociais com a propagação de *fakenews* e ataque aos direitos humanos, disseminando ódio e violência com discursos misóginos, LGBTfóbicos, antiesquerdista e antipetista.

A justificativa dos ataques às pautas identitárias se apoiavam na moralidade cristã, na manutenção da família tradicional e teve nas redes sociais seu principal veículo de difusão em larga escala. Nesse contexto, o Programa Escola Sem Partido ganhou força, e, os mesmos veículos que multiplicavam tais narrativas, passaram a defender também a ideia de que a escola deve ser um ambiente de neutralidade política e sem “ideologia de gênero”.

As manifestações que se sucederam, após 2013, no lugar de propor o alargamento de nossa experiência democrática, contribuíram para o golpe de 2016. As pautas progressistas desapareceram e o movimento passou a apresentar características conservadoras e retrógradas. Nesse sentido, a figura de Paulo Freire, dentre outras pautas ditas de esquerda, sofre severos ataques. Nesses protestos:

Setores conservadores expressaram sua ira em relação à teoria freireana a partir de cartazes com os dizeres: "Basta de Paulo Freire!". Tais dizeres traziam o descontentamento com o que chamavam de "educação ideológica", promovida nas escolas brasileiras. As redes sociais, nesse sentido, transformaram-se em fértil terreno para a disseminação do ódio em relação a Freire, e de manifestações diversas acerca de sua obra, revelando não raramente uma ignorância explícita. (RIBEIRO, 2018 p. 223)

Os discursos neoliberais ganharam visibilidade não por representarem os reais interesses da população que os reproduzem, já que eles também foram incorporados pela

classe trabalhadora. Eles conquistaram espaço por encontrar terreno fértil na descrença da política partidária representativa e nas ideias conservadoras sob as quais se constituiu a sociedade brasileira. Assim, o crescimento de debates sobre feminismo, questões étnicas e a militância LGBT, e pequena subversão da ordem social vigente com o acesso de indivíduos do segmento popular a espaços antes elitizados, gerou uma forte reação dos grupos mais conservadores.

Com adesão de ideias neoliberais, juntamente com a ideologia conservadora, os ataques a Paulo Freire se intensificaram.

[...] movimentos conservadores que em muitos momentos escolheram Paulo Freire como alvo, acusando-o de ser uma espécie de mentor da doutrinação ideológica que impera na educação brasileira. Tais acusações, evidentemente sem nenhum componente científico, passaram a vigorar consolidadamente em setores da Direita, e serviram de pretexto, por exemplo, para consolidação do movimento “Escola sem Partido”, que deu origem a realização de um anteprojeto de lei, levado adiante em alguns Estados via câmaras estaduais, e em nível federal, especialmente pelo Projeto de Lei 196 do senador Magno Malta. (RIBEIRO, 2018, p. 223).

Em nossa concepção as críticas a Freire são um ataque ao modelo de educação crítica, contextualizada e transformadora que ele defende, que mais uma vez se choca com um modelo de sociedade conservadora e excludente. Assim num contexto de conservadorismo e retirada de direitos sociais as elites dominantes buscam a formação de sujeitos alinhados ideologicamente com o regime e não questionadores da realidade

Nesse sentido, no tópico a seguir abordaremos os motivos do ódio a Paulo Freire, considerando sua potencialidade para a superação do contexto de despolitização vigente.

O QUE MOTIVA O ÓDIO A PAULO FREIRE?

Analisando os pretensos argumentos que vem motivando uma repulsa à Paulo Freire, a saber, a suposta ineficiência de seu método de alfabetização, o caráter ideológico partidário atribuído a pedagogia Paulo Freire, o rótulo de comunista, manipulador, falacioso incentivador da luta de classe e desagregador da unidade nacional, observamos que eles se fundam em um profundo desconhecimento sobre história da educação brasileira e da pedagogia proposta por Freire. Bem como, são pautados numa ideologia conservadora e neoliberal que busca retirar do campo da educação certas pautas sociais e obscurecer o caráter político e potencialmente transformador do fazer educativo.

Numa aproximação com as reflexões suscitadas pelo conceito da ultrapolítica vemos ser desenhada a imagem de Paulo Freire como inimigo nacional que deve ser combatido, pois ao contrário da lógica atual de despolitização, que nega as lutas de classes e normatiza as desigualdades sociais e injustiças, o legado de Freire é desvela-las, denunciá-las, anunciar que mudar é possível, e conclamar a inserção na luta política destacando o papel da educação nesse processo. Uma educação que não deve ser feita de cima para baixo, mas deve ser dialógica, contextualizada e democrática.

Um dos grandes contributos da obra de Freire, que vem sendo atacado sob a roupagem do “Escola Sem Partido” e a crítica da “doutrinação ideológica”, é o desvelamento da dimensão eminentemente política do fazer educativo, reconhecendo o seu papel para a manutenção ou transformação social. O que pode ser percebido a partir de questionamentos simples como “Em favor de que estudo? Em favor de quem estudo? Contra que estudo? Contra quem estudo” (FREIRE, 1996, p.77). Isso nada tem a ver com a imposição de linhas partidárias, mas remete a importância do respeito a pluralidade de experiências sócio-históricas e culturais é um processo educativo comprometido com a superação das situações de subalternidade, da educação como prática de liberdade”. Conforme Freire (2008, p.73): “Toda educação é política, não pode deixar de sê-lo. O que não significa que os educadores imponham as linhas do seu partido aos educandos. Uma coisa é a politicidade da educação e outra coisa é a opção partidária do educador”.

Freire explicita os antagonismos sociais gerados pelo sistema capitalista e volta sua proposta educativa para a restituição da humanidade e fortalecimento da autonomia das camadas populares, os oprimidos, os excluídos, os colonizados, serem humanos que historicamente vem sendo espoliados físico e simbolicamente. Já a educação de caráter neoliberal não objetiva a formação de sujeitos sociais autônomos e críticos, objetiva apenas treinamento técnico e científico, limitando a compreensão da cidadania a uma “boa capacidade para produzir” (FREIRE, 2008, p.50).

Ter clareza sobre essas disputas de projetos em torno da educação é basilar para compreender a conjuntura atual de projetos como o “Escola Sem Partido”, a reforma do ensino médio com foco no ensino técnico e menor carga horária destinada às disciplinas de humanidade que cumprem o papel de fazer refletir sobre a realidade sócio-histórica e cultural e intervir de forma crítica sobre ela, e ainda, os constantes ataques a Paulo Freire, uma vez que ele desvela que essa confrontação não é apenas pedagógica, mas eminentemente política.

[...]. Da minha parte, não tenho dúvida de que a confrontação não é pedagógica e sim política. Não é lutando pedagogicamente que vou mudar a pedagogia. Não são os filósofos da educação os que mudam a pedagogia, são os políticos sob nossa pressão que vão fazê-lo, se os pressionarmos. A educação é uma prática eminentemente política. Daí a impossibilidade de se implementar uma pedagogia neutra. No fundo, não há neutralidade. Para mim, repito, esta é uma luta política. (FREIRE, 2008 p.48)

Creemos na impossibilidade da neutralidade numa sociedade permeada por contradições sociais e conflitos, disputas de poder e hegemonia de saberes. Em conformidade com Freire cremos que “só há uma maneira de matar a ideologia; é ideologicamente (opt,cit, p.50). Assim o ato educativo não é neutro depende da opção que “pode ser democrática, assim como pode ser elitista e autoritária (opt.cit .p.72). Nesse sentido, o ódio a Paulo Freire, em nosso entender, decorre da explicitação do seu posicionamento político, de seu alinhamento com as ideias socialistas, de sua epistemologia contra hegemônica, que almeja a construção de uma sociedade justa, emancipada, sem opressor e oprimidos.

[...] Parece-me urgente que superemos um sem-número de preconceitos sobre a democracia, associada sempre a burguesia. Ao abrir-nos a seu nome, muitos pensam em conservadorismo, exploração burguesa, social-democracia. Eu penso em socialismo. Por que não? Por que não conciliar transformação social profunda, radical, com liberdade? (FREIRE, 1998 p. 39-40)

Curiosamente, quem não nega seu posicionamento à esquerda é a extrema direita na internet. Associam Freire a uma luta anticapitalista, nisso eles mostram-se exitosos em suas avaliações sobre o autor, mas, obviamente, fazem isso no intuito de desacreditar o valor do autor. Assim, sob a ótica da despolitização ultrapolítica, liberal o responsabilizam pela doutrinação marxista nas escolas que seria uma das grandes causas do fracasso escolar brasileiro. Esse é a mesma lógica do Programa Escola Sem Partido.

A direita demonstra êxito nesse rótulo atribuído ao autor, em especial por conseguir despolitizar tal rótulo, uma vez que ele serve a defesa do *status quo*, a negação das lutas de classes e normatização das injustiças do capitalismo. Nesse sentido, o rótulo entrega um significado vazio e um significante associado a sentimentos de repulsa. A associação de Freire ao comunismo soa como um julgamento moral, um xingamento, cujo propósito é fazer da figura de Paulo a representação do inimigo.

Destruir a imagem de Freire é uma estratégia de intensificar a despolitização à ultrapolítica, pois sua obra é reconhecida mundialmente e o autor figura como o terceiro pensador mais citado na área das humanidades. As ideias defendidas por Freire são conflitantes com o projeto de sociedade da minoria beneficiada com as políticas neoliberais.

Paulo Freire objetiva uma sociedade livre de imposições autoritárias e desumanizadoras e sua tendência pedagógica libertadora mostra-se extremamente coerente com esse projeto. Pautada na teoria da ação dialógica, o autor busca um fazer dialógico com os grupos populares, crítico e humanizador, pautado na colaboração, na união, na organização, na síntese cultura e na horizontalidade das relações entre professor e aluno para a superação da lógica colonializante e alienante (FREIRE, 2018).

Destacamos que Freire não nega o papel diretivo do educador, como ele mesmo afirma no livro Medo e Ousadia, mas interpreta que o professor deve-se configurar como um indivíduo não opressor, que mine a criatividade e a possibilidade de transformação e aprendizado. Nesse sentido Freire mostra sua aversão ao autoritarismo.

"A crítica desses setores conservadores à teoria freireana carrega a injusta acusação de que Paulo Freire é um doutrinador, quando, na verdade, toda sua obra possui em si um valor essencial: o diálogo. Os setores conservadores que atacam a teoria freireana possuem imensa dificuldade de produzir críticas com um mínimo de fundamento científico capaz de refutar e contrapor a teoria freireana. Limitam-se à acusação de doutrinação negando a dialogicidade, certamente, marca central de suas obras." (RIBEIRO, 2018 p. 227)

Diante desse cenário, como a esquerda reage a essa política de ódio ao patrono da educação brasileira? No Youtube, por exemplo, é possível ver uma série de vídeos de canais progressistas que almejam defender Freire e combater a desinformação acerca do autor, mas não dificilmente ocultam seu viés anticapitalista como uma forma de protegê-lo dos estigmas que a esquerda têm sofrido. Assim não raro o debate na perspectiva classista é ignorado.

No canal Meteoro, por exemplo, há um vídeo cujo o título é “Quem não é Paulo Freire”. Nele é apresentado um trecho da entrevista com Paulo Freire no programa Altas Horas, onde um dos telespectadores pergunta: “Você é um educador comunista?” Paulo Freire responde que a pergunta é legítima e defende o direito de se fazê-la. Posteriormente afirma não ser anticomunista, mas também não ser comunista. Nesse momento o vídeo é cortado. Indo diretamente a entrevista completa, Paulo Freire continua a frase afirmando ser socialista e que acredita no poder popular.

Esse exemplo mostra que enquanto a direita utiliza a ultrapolítica para tornar Paulo Freire um inimigo, parte da esquerda faz o uso da pós-política como estratégia de combate à ultrapolítica. Essa é uma prática usada no intuito de não assustar o público leigo diante dos estigmatizados atribuídos a esquerda. Embora essa estratégia faça sentido no contexto político presente, afasta a consciência de classe e fere a própria concepção de ética freireana. Conforme Freire “o grande respeito que tenho pelos meus educandos manifesta-se no testemunho que lhes dou sobre a força com que luto pelos meus ideais. Isso é educativo.” (FREIRE, 2008, p.73).

A estratégia de utilizar a despolitização pós-política pode intensificar ainda mais a despolitização e minar as possibilidades de transformação. Afinal, como politizar despolitizando? Como combater a despolitização fazendo o uso da mesma? É uma estratégia não apenas falha, como incoerente. Essa incoerência é mais grave quando se pensa na epistemologia freireana, pois nela politização é uma questão central. Professor Ernani Maria Fiori descreve a metodologia freireana como:

[...] um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas também não põe inimidade entre educação e política. Distingue-as, sim, mas na unidade do mesmo movimento em que o homem se historiciza e busca reencontrar-se, isto é, busca ser livre. Não tem a ingenuidade de supor que a educação, só ela, decidirá dos rumos da história, mas tem, contudo, a coragem suficiente para afirmar que a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano, sejam estruturais, super-estruturais ou inter-estruturais, contradições que impelem o homem a ir adiante. As contradições conscientizadas não lhe dão mais descanso, tornam insuportável a acomodação. Um método pedagógico de conscientização alcança últimas fronteiras do humano. E como o homem sempre se excede, o método também o acompanha. E “a educação como prática da liberdade”. (FREIRE, 1978. p. 15)

Essa atitude pós-política dentro da esquerda é preocupante, pois demonstra que diante do crescimento monstruoso dos discursos de ódio, há uma reação despolitizada que adere há discursos liberais ao invés de propor um projeto societário de equidade e justiça social, essa prática destrói o sonho de construção de mundo sem dominação.

Se a minha não é uma presença neutra na história, devo assumir tão criticamente quanto possível sua politicidade. Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes. (FREIRE, 1992 p. 17)

Creemos que nesse cenário ser propositivo é a saída mais coerente, para isso é necessário esperar, manter o sonho, a crença no inédito-viável, compreender que o mundo não é, mas está sendo, e por estar sendo pode ser transformado. Assim com a conscientização em torno da historicidade dos processos e a compreensão dos seres humanos como fazedores da cultura é possível romper com a ideologia neoliberal fatalista e paralisante.

Vem sendo uma das conotações fortes do discurso neoliberal e de sua prática educativa no Brasil e fora dele, a recusa sistemática do sonho e da utopia, o que sacrifica necessariamente a esperança. A propalada morte do sonho e da utopia, que ameaça a vida da esperança, termina por despolitizar a prática educativa, ferindo a própria natureza humana. (FREIRE, 1992 p.56)

Retomando Pedagogia do Oprimido, Freire destaca que o povo, entendido como classe trabalhadora, é o único capaz de romper com a lógica hegemônica, humanizar-se e humanizar os opressores, libertando ambos das estruturas de dominação (FREIRE, 2018). Assim sendo podemos inferir que a libertação é um projeto exclusivo da esquerda, que não implica na inversão na relação entre opressores e oprimidos, mas na superação dela numa lógica colaborativa e horizontal. Nesse sentido esvaziar a dimensão política, social e contra hegemônica de Freire é ceder ao modelo desigual. Isso implica dizer que a esquerda, ao aderir a lógica da despolitização nega seu valor ontológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário atual, faz-se o uso da despolitização para destruir a imagem de Paulo Freire, mas contraditoriamente, as ideias de Paulo Freire podem contribuir para politização, engajamento político, o desvelamento da realidade, elucidando os reais conflitos existentes nos antagonismos de classe, já que o autor é a oposição à despolitização.

O temor às ideias freireanas, o ódio ao que ele representa encontram-se marcados neste artigo por dois períodos distintos: a ditadura civil militar e a atualidade. Ambos momentos históricos, há tendências autoritárias. O autoritarismo sempre perde. Perde na humanidade, no debate e na lógica. O autoritarismo é presente em cenários em que o ato de pensar deve ser impedido. Pronunciar o mundo é um perigo, já que pode expor as maiores injustiças. Desse modo, diante de toda a desvantagem enfrentada pelos menos favorecidos, a única forma dos opressores de se manterem no poder é pelo uso da força, da violência, seja

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

simbólica ou física. Quando o pensar sobre a realidade é um perigo, quer dizer que ela precisa ser transformada. Impedir o questionamento, a problematização para a construção de uma visão mais lúcida é uma doutrinação para que se legitime o *status quo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, A.; LESNOVSKI A. F. M. Quem não é Paulo Freire?. **Youtube**, 15 de abr de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ww02BK2VYO0>>. Acesso em 21 de agosto de 2019.

CORTELA, SERGIO MÁRIO. **Escola democrática X Escola sem partido**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_t620REIcNI&t=362s. Acesso em 19 agos.2019

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos: A encruzilhada da esquerda brasileira**. Autonomia Literária, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. Recife: Universidade Federal do Recife, 1959.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Compromisso**. América Latina e Educação Popular. Indiatuba, SP: Villa das Letras, 2008.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra. 2018.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo:UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Por uma pedagogia da pergunta**. Editora Paz e Terra, 1998.

RIBEIRO, Márden De Pádua. Por mais Paulo Freire e menos Escola sem Partido. **Horizontes**, v. 36, n. 1, p. 222-236, 2018.

TORRES, Rosa María. **Educação popular: um encontro com Paulo Freire**. Edições Loyola, 1987.

ZIZEK, Slavoj; ŽIŽEK, Slavoj. **The ticklish subject: The absent centre of political ontology**. Verso, 1999.